



Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com chefes de Estado e de Governo da União Sul-Americana de Nações (Unasul)

Palácio Itamaraty, 23 de maio de 2008

Amigos e amigas da imprensa latino-americana e da imprensa brasileira,

Hoje realmente é motivo de muito orgulho para todos nós que governamos os países da América do Sul, neste momento tão histórico. Aquilo que parecia impossível aconteceu. Aos olhos dos descrentes, a América do Sul hoje está mais integrada do que nunca porque acabamos de aprovar, por unanimidade, o Tratado da Integração, o Tratado da Unasul.

Todos vocês se lembram que tudo começou numa reunião de Cuzco quando, em 2004, foi feita a primeira proposta de criarmos uma integração sul-americana. Nesses quatro anos que se passaram, muitos companheiros presidentes, ministros, assessores, trabalharam para vencer as adversidades e chegar ao dia jubiloso que é o dia de hoje.

Quero dizer para vocês que isso não aconteceria se não fosse o trabalho extraordinário feito pela Presidência Pro Tempore do companheiro Evo Morales, em nome da Bolívia, que trabalhou esse tempo inteiro para que pudéssemos concluir o Tratado que terminou sendo aceito por todos os presidentes dos países sul-americanos. Quero, de público, Evo, te dar os parabéns. Quero, de público, reconhecer que, possivelmente, da cabeça de um representante dos povos originários da Bolívia, e não de um representante comum dos governantes dos nossos países, surgisse a tenacidade, surgisse a competência e a paciência para que pudéssemos viver este momento que estamos vivendo hoje. Por tudo, quero agradecer ao governo boliviano, à



equipe do governo boliviano e ao companheiro Evo Morales pelo dia de hoje.

E agora a responsabilidade para completar essa tarefa gigantesca, porque demos apenas um grande passo, mas a caminhada até construirmos a “Muralha da China”, vai demorar muito tempo.

E não poderia ter sido (_____) indicada como a nova presidente Pro Tempore a companheira Michelle Bachelet, a nossa querida irmã, companheira que preside o Chile e que, como ninguém, conhece os problemas que vivemos na nossa querida América do Sul. Posso dizer à companheira Michelle Bachelet que, da parte do Brasil, você terá 100% de dedicação, 100% de apoio, em qualquer momento, para que você possa consagrar ainda mais a integração sul-americana que acabamos de assinar.

Com esses agradecimentos ao Evo e à Michelle, nós vamos passar a palavra ao companheiro Evo, depois à companheira Michelle. Eu gostaria de pedir aos companheiros da imprensa – me parece que serão três perguntas – que as perguntas fossem feitas sobre a Unasul e, de preferência, que as perguntas fossem feitas para quem vai ter a responsabilidade de carregar esse gostoso fardo integracionista, que é a nossa querida Michelle Bachelet. Com vocês, o nosso companheiro Evo Morales.

Jornalista: Boa tarde. Eu falo em nome de outros jornalistas da imprensa brasileira, que fizeram essa questão. Como temos direito só a uma pergunta, então eu farei a pergunta em nome de todos.

Primeiro, é uma questão sobre a criação dessa União: se, do ponto de vista institucional, haveria um início de atividades sem a aprovação do Congresso, ou seja, foi assinado hoje o documento mas é preciso, para que o Tratado entre em vigor, da aprovação dos Parlamentos. Seria possível uma transição, uma medida provisória para fazer funcionar essa União sem a aprovação do Congresso? Qual é a base legal para isso?

E a outra questão que se coloca é sobre o Conselho de Defesa Sul-



Americano, que hoje a gente vê, em todo o continente, um conflito, acusações de violação da soberania. Hoje a gente vê, em todo o continente, um conflito, acusações de violação da soberania. Hoje mesmo o presidente do Equador fez críticas e disse que a relação com a Colômbia é deplorável. Então, nesse cenário, qual é a missão desse Conselho de Defesa e qual é a viabilidade desse Conselho de Defesa Sul-Americano?

Obs.: Pergunta dirigida à Presidente do Chile, Michelle Bachelet, com intervenção do presidente Lula.

Resposta da Presidente do Chile, Michelle Bachelet

Jornalista: Só uma dúvida: então não foi criado o Conselho. Vai ser criado, provavelmente, dentro de três meses, é isso?

Resposta da Presidente do Chile, Michelle Bachelet

Jornalista: O presidente Lula não considera um fracasso o fato de não ter criado o Conselho?

Presidente: Quero apenas dizer que eu estou há seis anos na Presidência do Brasil, e cada vez que discutimos uma proposta de acordo que envolve um ou mais países, às vezes, nós levamos meses discutindo, e tem que ser assim até que todos estejam convencidos de que a proposta é boa para todos os países.

Quando eu pedi ao ministro Nelson Jobim que viajasse por todos os países da América do Sul, abrindo a primeira discussão com os presidentes ou com os ministros da Defesa dos países, era porque nós temos que levar algumas coisas em consideração. Nós temos a questão da Amazônia e temos vários países amazônicos; nós temos a questão do Pacífico e a questão do Atlântico; nós temos o mar do Caribe e, portanto, nós precisamos ter o nosso



setor de defesa pensando conjuntamente sobre vários desses assuntos. E isso só será possível se nós criarmos um instrumento. O instrumento é um Conselho e eu penso que o que foi aprovado no Encontro foi uma coisa extremamente importante. Na hora que nós fizemos a apresentação da proposta nós, então, decidimos que o grupo de trabalho vai se reunir e em 90 dias apresentará a proposta final do Conselho de Defesa.

Jornalista: Boa tarde aos três mandatários. Presidenta Michelle Bachelet, você, como Presidenta da Unasul, queria perguntar-lhe que medidas pensa em tomar, que poderia fazer para evitar certos conflitos políticos entre países da região como, por exemplo, o do governo chileno, há pouco, com o governo venezuelano, por acusações contra toda regra. Assim, nós mesmos sabemos, com aplicações do governo venezuelano queria perguntar-lhe (inaudível) suficiente para manter relações com a Venezuela por um bom caminho?

Obs.: Pergunta dirigida à Presidente do Chile, Michelle Bachelet, com intervenção do presidente Lula.

Presidente: Eu queria, Michelle, dar um dado importante porque eu percebo, às vezes, que não são apenas os políticos latino-americanos que são exigentes consigo mesmos, mas também penso que os companheiros da imprensa são muito exigentes com as coisas que fazemos aqui na América do Sul. O fato de nós termos assinado hoje o Tratado Constitutivo da Integração Sul-Americana não vai obrigar nenhum país a abrir mão do seu Estado nacional, das suas decisões específicas, dos acordos bilaterais que faz. Não é isso que queremos. O que queremos é construir políticas de consenso que nos permitam, conjuntamente, fazer aquilo que sozinhos não temos força para fazer. Esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto, que eu considero extremamente importante, é que muitas vezes, criamos muitas dificuldades quando uma coisa não dá certo



entre nós. Vejam que coisa absurda. Quando os Estados Unidos decidiram fazer a guerra com o Iraque, países da União Européia tiveram divergências. A Espanha e a Inglaterra apoiaram a ocupação iraquiana, a França e a Alemanha foram contra, e nem por isso criou-se qualquer ruptura na base do tratado que criou a União Européia.

Da mesma forma que quando se fez o modelo de moeda única, ou de uma única Constituição, vários países levaram para plebiscito, foram derrotados – a França é um exemplo – e nem por isso houve ruptura no tratado da União Européia.

Aqui, na América do Sul, nós demos um passo gigantesco hoje. E o primeiro passo foi a compreensão unânime, por todos os presidentes, de que juntos nós seremos muito mais soberanos, de que juntos poderemos consolidar a integração de forma muito mais forte, e de que juntos poderemos alcançar o patamar de desenvolvimento que é a aspiração dos povos que representamos. Se nós analisarmos o que acontecia de integração na América do Sul nos últimos anos, e analisarmos o que está acontecendo agora, nós vamos perceber que está acontecendo uma coisa extraordinária. Quando Simón Bolívar, há 200 anos, bradava ao mundo – naquele tempo sem televisão e sem jornal – para divulgar as angústias dele, a criação da Grande Colômbia, muitas vezes pela própria luta armada, empunhando a sua espada, nós, democraticamente, criamos mais do que a Grande Colômbia, criamos hoje a grande nação Sul-Americana.

Este é um feito extraordinário para mim. É um feito que possivelmente nenhum de nós ainda tenha a dimensão exata do que vai acontecer. Certamente, não temos, nem Bolívia, nem Brasil e nem Chile o montante de dinheiro que teve a União Européia para ajudar os países mais pobres, como Espanha, Portugal, Grécia, e agora ajudando outros países do Leste Europeu que vieram para a União Européia. Não temos o dinheiro. Mas certamente, a nossa vontade política, a crença que nós temos na integração e a busca da



complementaridade entre nós vão permitir que, mesmo sem dinheiro, mas com a nossa disposição política, nós consigamos, em menos tempo do que qualquer outro processo de integração que deu certo no mundo, fazer com que a América do Sul dê um salto gigantesco para que a gente se transforme em um continente desenvolvido do ponto de vista econômico, mas também desenvolvido do ponto de vista social. É isso que nós buscamos e é isso que eu acho que significa o dia de hoje.

Se eu pudesse dizer uma palavra, eu diria: hoje eu estou de alma lavada, porque parecia impossível, há quatro anos, nós três estarmos sentados em uma mesma mesa comunicando que finalmente demos um passo importante em benefício dessa grande nação Sul-Americana.

(\$31FGJLMP)